

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**ANÁLISE DE INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NA REDE REGULAR DE
ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DA LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Autora: LUCIMAR MOREIRA AGUIAR

JUÍNA/ 2011

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**ANÁLISE DE INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NA REDE REGULAR DE ENSINO
FUNDAMENTAL POR MEIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Autora: LUCIMAR MOREIRA AGUIAR

Orientador: ADILSON VAGNER DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

JUÍNA/2011

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

PROF. MS. MARCIO GONÇALVES DOS SANTOS

PROF. ESP. HELENA BRUNO

PROF. ADILSON VAGNER DE OLIVEIRA
ORIENTADOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a vida e me deu uma família maravilhosa, que por meio destes me ensinaram a ser digna e a lutar na persistência da vitória.

Agradeço ao meu professor orientador que se propôs em me orientar nesse projeto, com dedicação e compromisso.

Agradeço imensamente ao professor Márcio Gonçalves dos Santos, por ter contribuído grandemente com meu projeto, me emprestando livros e me fornecendo dicas muito valiosas, e ainda por ter me proporcionado o prazer de fazer o curso de língua de sinais no IFMT. Sendo assim, sou muito grata.

Agradeço também a minha família pelo apoio e força que me deram.

Também agradeço uma pessoa que foi fundamental para que eu concluísse meu projeto, pois foi graças a minha querida amiga Sidinéia que me convidou a fazer o curso de Letras, que hoje estou finalizando essa trajetória.

DEDICATÓRIA

Quero dedicar todo meu trabalho e minha conquista aos meus filhos que entenderam o motivo da minha ausência em vários momentos. E principalmente ao meu esposo Antonio, pela compreensão e força nas horas que mais precisei de ajuda.

EPÍGRAFE

"Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias lingüísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas, sobretudo a privação de sua identidade cultural".

Lucinda Brito

RESUMO

O presente projeto tem por objetivo analisar a importância em aprender línguas de sinais na comunidade escolar, pois a Língua Brasileira de Sinais é considerada como uma língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade. Língua Brasileira de Sinais, conhecida como LIBRAS vem sendo de extrema importância para sociedade escolar, uma vez que as pessoas surdas vêm frequentemente buscando seu espaço na sociedade, fazendo com que os órgãos governamentais tomem providências imediatas nos currículos escolares, propõe-se uma análise teórica no que diz respeito à sua cultura e identidade, como são seus costumes, sua vivência no ambiente familiar e de que forma acontece sua inserção no ambiente escolar. Mas o fato é que mesmo sendo uma língua reconhecida por lei, é tomada de discussões que envolvem políticas educacionais, devido seu grau de complexidade, e o enorme preconceito que ainda fala mais alto na sociedade. Assim, o objetivo desse trabalho é promover a reflexão sobre o ensino de LIBRAS, e a inclusão do aluno surdo na escola regular.

Palavras-chave: Língua de Sinais, surdos, inclusão, cultura.

ABSTRACT

This project aims to analyze the importance of learning sign language in the school community, as the Brazilian Sign Language is considered as the mother tongue of the deaf in Brazil, it might be learned by anyone interested in communicating with this community. Brazilian Sign Language, known as LIBRAS has been extremely important for school society, since deaf people have been seeking their place in society, causing the government to take immediate action in school curricula, we propose a theoretical analysis about their culture and identity, how their customs are, their living in familiar environment and how their inserting happens in the school. But the fact is that even though it is a language recognized by law, it is taken from discussions involving educational policies, because of their complexity, and the enormous prejudice that is still intense in society. The objective of this work is to promote reflection on the teaching of LIBRAS, and the inclusion of deaf students in regular schools.

Keywords: Sign language, Deaf, Inclusion, Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
O SUJEITO SURDO.....	14
O QUE É SURDEZ.....	15
A CULTURA E A IDENTIDADE SURDA.....	16
A LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	26
MARCOS HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	29
O CONGRESSO DE MILÃO.....	30
ORALISMO.....	31
BILINGUISMO.....	32
POLITICAS EDUCACIONAIS DE INCLUSÃO- O QUE É INCLUIR.....	34
INCLUIR X INTEGRAR.....	38
LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE INCLUSÃO.....	40
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	43
TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	45
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXOS.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade analisar e discutir o processo de inclusão social do surdo na sociedade através da língua brasileira de sinais, pois a inclusão dos portadores de necessidades especiais tornou-se uma obrigatoriedade em todas as instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Contudo, o surdo em específico também tem seu lugar de destaque e através desse fator, fez-se necessário que houvesse uma linguagem própria para esse indivíduo, que é a Língua Brasileira de Sinais também conhecida como LIBRAS. Uma língua própria dos surdos, reconhecida por lei. É interessante ressaltar que, não somente os surdos precisam aprender libras, mas também os ouvintes vêm necessidade em estudar sobre ela, para que possam ter um diálogo íntegro com os surdos do nosso país.

Tem-se visto também na escola inclusiva uma grande carência sobre esse assunto, no qual precisa de um estudo aprofundado para que os alunos ouvintes sintam pretensão em aprender a Língua Brasileira de Sinais, que como qualquer outra língua, necessita ser apresentada, desde os seus princípios e bases, para terem total entendimento quanto ao surgimento da mesma.

A língua de sinais contém características e regras específicas em cada país, que ao ser inserida nas escolas é preciso que haja identificação de quais são essas características. Idioma este, que deve estar propagado nas organizações, escolas e ambientes familiares. Libras, como o próprio nome informa, é uma língua brasileira, e não universal, apenas seu modelo é baseado ao molde Francês.

Os surdos buscam gradativamente seus direitos pela cultura lingüística, onde eles têm sua própria identidade, seus direitos e valorizações, porém, isso não foi tão fácil e até mesmo nos dias atuais ainda encontra-se muitos preconceitos, mas bem irrisórios, se comparados com os de antigamente. Desse modo, a instituição da Língua Brasileira de Sinais busca facilitar a vida cotidiana dos surdos brasileiros, fazendo com que eles se integrem com os ouvintes através da comunicação gestual.

A cultura surda também é um aspecto interessante, que será abordada no desenvolvimento do trabalho, pois apontam várias diversidades linguísticas como as demais línguas existentes, de tal maneira que produzem através da língua de sinais,

os teatros, pinturas, na literatura constroem poesia que usam sua história cultural para retratar o cotidiano, haja vista que na sociedade brasileira apresenta uma grande quantidade de pessoas que são surdas, e que precisam se comunicar com ouvintes e é aí que a libras torna-se uma língua não somente dos povos surdos, mas sim de todos, pois dessa forma, os surdos e os ouvintes poderão participar e defender interesses em comuns, ou seja, a comunicação.

Para que os surdos sintam-se em harmonia com o processo social, no caso, a inclusão nos ambientes escolares, é necessário que toda a comunidade escolar esteja preparada para recebê-los e para que se torne possível, os membros precisam ter apoio no que diz respeito a educação inclusiva, como cursos de capacitação e qualificação adequada, para não serem pegos de surpresa ao depararem com determinada situação e que saibam distinguir a relação entre integração e inclusão, que segundo alguns estudos afirmam que a integração é apenas inserir um aluno especial na rede regular de ensino e não providenciar um professor competente para auxiliá-lo, enquanto que, a inclusão é um processo que visa com exclusividade o desenvolvimento pleno do educando especial, que no contexto em análise, é o aluno surdo.

Embasado em diversos teóricos dominantes do eixo temático afim de uma demonstração prática, fez necessário que houvesse uma pesquisa de campo, que é o foco do quinto capítulo, pois essa investigação vai de encontro com a práxis e com o objetivo de enfatizar um melhor entendimento relacionado ao conteúdo apontado no projeto. E ainda quais são as reais necessidades e dificuldades que os alunos surdos encontram na escola regular, principalmente no novo modelo educacional, que aponta uma educação de qualidade a todos os cidadãos, independentes de seu grau de dificuldade ou complexidade.

PROBLEMATIZAÇÃO

Com bases fundamentais esse trabalho pode apontar soluções a fim de compreender melhor e mais claramente a inclusão da pessoa surda nas instituições de ensino, ou seja, qual o grau de dificuldade encontrado por esses sujeitos ao freqüentar determinados ambientes, onde, na grande maioria das vezes se deparam com pessoas despreparadas para recepcioná-los.

Estudar a linguagem é um caminho de descobrir o que é a Língua Brasileira de Sinais e qual a importância para os comunicantes da mesma.

A linguagem de sinal não é universal, cada país estabelece uma codificação de sinais. A Língua Brasileira de Sinais tem como base a língua de sinais francesa.

Legalmente a Libras constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas com deficiência auditiva do Brasil, na qual há uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

Para a criação de Libras foi realizada uma pesquisa por um período de cinco anos, pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, apoiado por várias organizações e professores especializados da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Foi elaborado um dicionário, posteriormente aprovado após inúmeras reuniões e aperfeiçoamentos no Laboratório de Neuropsicolingüística Cognitiva Experimental da USP.

A linguagem de sinais em cada país tem uma característica e regras específicas. Para estudar a linguagem de sinais a ser inserida nas escolas é preciso identificar quais são as características da Língua Brasileira de Sinais.

A Linguagem de Sinais deve estar inserida nas organizações, escolas e ambientes familiares. LIBRAS não é uma linguagem universal, o modelo brasileiro é baseado no modelo Frances.

A Língua Brasileira de Sinais é uma segunda língua materna no Brasil, pois já esta amparada por lei e sendo assim, não somente os surdos precisam aprender LIBRAS, mas também os ouvintes vêm necessidade em estudar sobre ela, para que possam dialogar integralmente com os surdos e mudos do nosso país. Têm-se visto também na escola inclusiva uma grande carência sobre esse assunto abordado, precisando de um estudo aprofundado para que os alunos ouvintes sintam vontade de aprender a Língua Brasileira de sinais e suas teorias e não ficar só na teoria, e sim, na prática como qualquer outra língua que precisa ser apresentada, desde os seus princípios e suas bases, para terem total entendimento e aptidão pela mesma.

Os surdos buscam gradativamente seus direitos pela cultura lingüística, onde eles têm sua própria identidade, seus direitos e valorizações. Mas isso não foi tão fácil e até mesmo nos dias atuais ainda encontramos muitos preconceitos, mas bem minúsculos se comparados com os de antigamente. Portanto, veio a Língua

Brasileira de Sinais para facilitar a vida cotidiana dos surdos brasileiros, fazendo com que eles se integrem e interagem com os ouvintes na comunicação gestual.

Assim como toda língua tem suas formas e convenções gramaticais, em LIBRAS não é diferente das demais, pois também tem suas regras e conceitos, tornando-a um tanto complexa, fazendo com que muitos indivíduos que estudam sobre essa língua pensem que não conseguirão dominá-la. Mas isso pode não ser tão complicado quanto parece ser, basta apenas praticá-la sempre que assim ficará mais fácil de entendê-la e aprendê-la.

É com essa e outras finalidades, que serão abordadas os seguintes aspectos: O que é LIBRAS? Porque estudar Língua de Sinais? Como é a escola inclusiva? Como é a comunidade surda? Quais as leis que regem essa língua?

Com esses assuntos em questão, espera-se que uma série de dúvidas seja sanada e que alguns dos preconceitos que persistem também sejam bem menores.

OBJETIVO GERAL

Demonstrar como a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pode contribuir como processo de inclusão social dos surdos na educação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar através da literatura científica, a teoria e origem da Língua de Sinais no Brasil;
- Divulgar qual a importância da mesma ao aluno surdo;
-
- Expor alguns artigos da lei nº 10. 436, e o decreto 5626 da Língua Brasileira de Sinais;
- Analisar o que a LDB oferece à inclusão;
- Observar na prática como a língua de sinais é apresentada na escolar regular.

HIPÓTESES

- H1 – A sociedade não se preocupa com os diferentes, os surdos têm que se adaptar a maioria;
- H2 – A língua de sinais não é divulgada para a sociedade em geral;
- H3 – A Língua de sinais não é obrigatória nas unidades escolares
- H4 – A Língua de sinais não é inserida na grade curricular das diversas instituições.

JUSTIFICATIVA

A oferta de um curso de Libras no campus do IFMT, em Juína-MT no ano de 2010, despertou em muitos profissionais da saúde e da educação o interesse e a necessidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais. Esse curso envolveu duas turmas totalizando a participação de 70 pessoas, apresentando embasamento teórico e prático para a comunicação com a pessoa surda. É impressionante como a comunicação não verbal, ou seja, mãos que falam proporcionam comunicação através de sinais. A sociedade brasileira tem uma enorme quantidade de pessoas com deficiências auditivas, e que precisam se comunicar com os ouvintes e é aí que a LIBRAS torna-se a língua dos surdos e não somente deles, mas pra todos, pois dessa forma, há uma interação entre surdos e ouvintes participando e defendendo interesses em comuns, ou seja, a comunicação.

REFERENCIAL TEÓRICO:

O SUJEITO SURDO

Para muitas pessoas e alguns estudiosos, os surdos são considerados como deficientes auditivos, que precisam de acompanhamento médico, sendo inclusive julgados como seres anormais sem condições de viver dignamente como qualquer outro ser humano. Já para outros especialistas, são seres apenas diferentes que fazem parte de outra cultura, que tem seu estilo próprio, com hábitos e costumes diferentes. Portanto, quem tem essas ideologias errôneas, são pessoas que tem outra visão sobre o surdo, por não conhecerem a cultura surda detalhadamente. Já muitos estudiosos definem a surdez como algo automático e que podem ser cidadãos normais como qualquer outro ser humano, assim como “é natural o ouvinte ser ouvinte”. (GESSER, 2009, p.66).

Comportamento este, que o difere enquanto pessoa considerada membro da sociedade e não sujeito inferior aos demais. Assim corrobora a autora:

Ser surdo significa simplesmente se desenrolar como o diferente. Como o outro do ouvinte. Há muitos séculos, prevalece o conceito de ser surdo como ser inferior, anormal, deficiente. Ainda hoje está fortemente presente, em alguns lugares mais radicais, esse conceito que oprime e exclui o surdo da participação social. (QUADROS, 2006, p. 170).

Dessa forma, pode se julgar que mesmo como inúmeras evidências apontando o sujeito surdo, como alguém diferente na sociedade, principalmente porque o contexto de criatura social é regido pela diferença, onde ninguém é igual, mas sim, diferentes, o que encontra são opiniões equivocadas à respeito do significado da diferença e assim sendo, acreditam que o surdo não tem capacidades de se socializar, por ser considerado como “deficiente”. No entanto se analisar que os povos ouvintes são constituídos com uma diferença que é sua cultura, assim os surdos também fazem a sua distinção através da própria cultura surda, que nessa margem ideológica formam dois grupos que ao participar da cultura do outro, formariam uma sociedade harmônica.

Visto que, os surdos constituem e estão cada vez mais constituindo sua cultura e sua identidade, é de suma importância destacar que a língua de sinais veio para aquietar inúmeros sofrimentos desses povos, devido ser a principal marca identitária na comunidade surda. Contudo é necessário dizer que:

O antes é descrito como um período marcado pelo sofrimento, isolamento e alienação a que estavam submetidos por conviver apenas entre pessoas que interagiam somente através da oralidade. O depois passa a ser caracterizado como um momento repleto de alegria, de encontros agradáveis, de abertura para a vida. (QUADROS, 2006, p.192).

Portanto, fica claro que a libras veio de encontro com um povo que buscava ansiosamente por uma comunicação social, ainda que restrita por alguns membros, mas mesmo assim, os surdos conseguiram tal proeza de entender os prazeres do mundo. Daí passaram a falar mais e se integrar mais na sociedade, pois com sua linguagem própria, obtiveram um jeito de transmitir seus desejos e objetivos, que como resultado extremamente positivo, compreenderam até mesmo o universo dos povos ouvintes.

Assim, os surdos atualmente são indivíduos mais esperançosos e mais felizes, devido estarem cada dia mais evidenciado no contato direto com sua língua natural, para que possam se sobressair que quaisquer obstáculos, e não mais ter que sobreviver num ambientes marginalizados, sem oportunidades de comunicação.

O QUE É SURDEZ

Surdez é denominada como um fator que impossibilita o indivíduo de ouvir, de modo total ou parcialmente, devido alguns fatores que pode ser desde o nascimento ou até mesmo depois de nascer, e ainda por alguma doença que agrave o aparelho auditivo. Os graus de surdez variam desde o nível mais baixo até o nível mais elevado, assunto esse, que será abordado mais adiante.

Gesser (2009, p.72) ainda afirma que os níveis de ensurdecimento são variantes, isto é, tanto pode ser uma surdez de pouco comprometimento, como também de nível mais elevado, conforme será mais bem apresentado no quadro abaixo:

CLASSIFICAÇÃO	NÍVEIS DE SURDEZ
Normal.....	até 25 dB
Leve.....	26-40 dB
Moderada.....	41-55 dB
Mod. Severa.....	56-70 dB
Severa.....	71-90 dB
Profunda.....	> 91 dB

Assim quanto maior for o grau de surdez, maior será o nível de insurdescência, tanto que, alguns surdos chegam até ouvirem certos ruídos, porém são barulhos irrisórios, sem chance de entenderem determinados rumores, por outro lado, há surdos que não conseguem ouvir nada, nem mesmo um barulho estrondoso. No entanto esses valores não fazem muita diferença para o povo surdo, pois eles não são diferenciados pela quantidade que não ouvem o que importa na verdade, é que pertencem a um grupo que tem esse padrão no qual é tomado como sua analogia cultural.

A CULTURA E A IDENTIDADE SURDA

Para entendermos um pouco sobre o que é cultura, é preciso que se compreenda que cada indivíduo quando nasce ainda não está qualificado em nenhuma cultura propriamente dita, mesmo que seus familiares já provêm de um determinado costume. No entanto, ele adquire sua característica cultural, conforme entra em contato com o mundo e assimila o que mais lhe adapte ou se sinta melhor, mas é preciso deixar claro que o meio em que o sujeito convive, trará uma grande influência para moldá-lo.

Cultura é a forma de cada pessoa conseguir ver o mundo, ao passo que, estiver ligado a um determinado ambiente, se adaptará ao meio. É também a maneira do ser humano conter algum comportamento social que influenciará no

estilo cultural, que pode ser o modo próprio de se vestir, sentar ou atitude corporal, tudo pode se caracterizar como um caráter adquirido pelo sujeito.

Os surdos têm características culturais que marcam seu jeito de ver, sentir e ser relacionar com o mundo e com a comunidade ouvintista. Nesse viés, em se tratando de conduta cultural, é interessante citar que:

Podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas [...] (LARAIA, 2008 p. 68).

Assim, pode-se afirmar que a cultura denuncia o indivíduo, devido suas ações praticadas tomem como exemplo, o modo de vestir do ser masculino, ele se veste e se porta de maneira diferente da mulher. E linguisticamente falando, o homem possui uma voz mais forte e aguda, e por fim, há os dialetos regionais que identifica claramente de qual região, o sujeito pertence, pelo modo cultural de falar.

Podemos dizer então que, de acordo com (LARAIA, 2006, apud, W. GOODENOUGH, p. 61), “cultura é um sistema de conhecimento”, ou seja, conforme o ser humano constrói seu estilo próprio de vida, ele vai se descobrindo aos poucos, até conseguir ter uma ideologia que se identifique por completo e esteja apto para tomar suas decisões de um modo que procure sempre o que lhe parecer mais viável, até mesmo fisiologicamente, pois uma peculiaridade do surdo são os modos de como se comunicar, porque é necessário que tenha um olhar fixo e direto ao mesmo, se não o fizer, o sujeito surdo fica muito explosivo, por não conseguir um diálogo recíproco.

Segundo Stobel, (2008), “a língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo”, pois ela vai de encontro com uma comunidade que necessita das várias formas de expressão para se comunicarem entre si e também com os ouvintes que estão inseridos nessa cultura.

Conforme (SILVA, 2010, apud PERLIM, p.129), os surdos constroem sua identidade própria, de acordo com sua exibição em meio à comunidade praticante dos mesmos interesses e objetivos, pois esses povos não vêem a surdez como um problema, e sim, para ele, nascer surdo é um fator natural e não uma deficiência que

precisa ser tratada, pelo contrário, anormal seria se de repente tornassem ouvintes, assim estariam sem sua marca cultural e semelhante, tanto que a língua de sinais veio de encontro aos interesses dos surdos, enquanto que o português para eles é visto com estranhamento.

Com base no dicionário Aurélio Prático da Língua Portuguesa (2001, p. 212 e p. 400), a palavra “cultura” significa “conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade.” Sob esse olhar, se analisa quão importante é a preservação de uma identidade cultural, pois só assim a linguagem é defendida com único intuito, o de não extinguir sua beleza, glamour e suas peculiaridades. “Já a expressão “identidade” denota os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc., de que um indivíduo é o próprio. Baseando nessa teoria averigua-se que o povo surdo procura seu espaço de igualdade no convívio social, para serem reconhecidos como seres normais que são, e demonstram seus valores e princípios graduais.

Porém, a realidade ainda é uma dicotomia, quando se fala num mundo de crenças e valores igualitários, esbarramos num grande problema enfrentado pelos mesmos, pois ainda que nasça em cultura própria, vão se deparar com ambientes sem nenhuma adequação esperada e, portanto terão que imergir nesse espaço, no caso a escola, que mesmo dotada à política de inclusão, continua sem recursos para tal atendimento.

Para que ocorra a constituição da comunidade surda, é necessária a utilização da língua de sinais, sendo estabelecida por meio de afinidades daqueles que a integram. Isso leva a crer que não existe somente uma comunidade surda, mas sim, diversas comunidades, como a da igreja, da escola, do hip-hop, dos líderes de tantas outras que evidenciam sua identidade cultural. Os benefícios advindos da participação do ouvinte nessa comunidade são vários, como a oportunidade de conhecer o sujeito surdo de perto, aprender a língua de sinais e conhecer os costumes e hábitos vivenciados pelo surdo, tanto individualmente quanto em comunidade. (SILVA, 2010, p. 137)

Este trecho nos remete para uma análise, de como há uma diversidade cultural envolvendo muitas comunidades, até mesmo devido ao regionalismo, cada povo que permanece em determinada região tem seus costumes, crenças e valores adquiridos. Nesse estilo, existem também surdos que possuem cultura diferente, ou seja, alguns surdos pertencentes de várias classes ou associações, “no Brasil tem a

associação de surdos gays, dos surdos implantados e outros”. (STROBEL, 2009, p. 27).

Contudo, quando há oportunidade de participar ou interagir aos costumes de outras comunidades permite que compreendamos e tomemos conhecimento a outros valores podendo ser recíproco, com trocas de sabedorias. E se os ouvintes tiverem a oportunidade de adentrar a comunidade dos surdos através da Língua Brasileira de Sinais, com certeza será um aprendizado de suma importância, principalmente para os surdos, pois uma vez que são a minoria, estarão interligados com numerosas culturas e inseridos de vez como ser sociável, com interesses afins.

Assim, Strobel (2009, p. 18) contribui dizendo que a “cultura é uma ferramenta de transformação, percepção à forma de ver diferente, não mais de hegemonia, fazendo com que cada indivíduo busque alcançar seus objetivos e tenha seu merecimento esperado, como em qualquer segmento social, até porque nenhum ser humano nasce pronto ao convívio social, mas sim, adquire formas no decorrer processual de sua existência. Portanto a “linguagem e identidade” são a matéria-prima indispensável de uma “cultura”.

Muitas pessoas têm a convicção de que os surdos são indivíduos que vivem separados, “incomunicáveis”, mas o fato é que são seres como todos, com características e maneira de ações que diferem dos “ouvintes”, sendo importante ressaltar que em meio aos povos surdos, eles não se apontam pelo nível de surdez, o importante mesmo é serem sujeitos que dividem uma identidade própria é que são membros de uma mesma cultura, (STROBEL, 2008, p. 22).

Inicialmente, para os surdos há uma enorme dificuldade de serem inseridos em sua comunidade, pois grande parte dos deles são descendentes de pais ouvintes, cabe, portanto citar um comentário de Strobel (2008 p. 25-26):

O povo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações. Estas organizações iniciaram diante de uma necessidade do povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura. Essas organizações- as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros- também tiveram o papel importante que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos.

Na maioria das vezes, os responsáveis pela exclusão dos surdos perante a sociedade são os próprios pais, devido ao fato de pertencerem a comunidades que

tem outros modos de verem os surdos e isso faz com que esses familiares busquem uma linha mais próxima de aprendizagem à seus filhos, em instituições escolares de sujeitos ouvintes, causando danos quase irreparáveis ao filho, que não pôde participar de sua própria cultura de antemão, e então , posteriormente compartilhar ideologias com outros povos.

[...] Os pais, entretanto, estão numa fase de crise e é pouco provável que sejam críticos relativamente àquele ponto de vista. Se o profissional descrevesse a comunidade dos surdos, tal descrição seria em termos tão concisos que na realidade os pais não veriam uma alternativa para o estatuto e destino da sua criança. O especialista profissional partilha geralmente, a mesma cultura dos ouvintes [...] (STROBEL, 2008, Apud, LANE, p.26).

Porém, alguns estudiosos fazem uma divergência entre “povo surdo ou comunidade surda”, proporcionando certo embate ideológico. (STROBEL, 2008, Apud, PADEN E HUMPRIES, p.30).

Baseado em Strobel (2008, p. 31), entende-se que quando se fala em “comunidade surda”, não nos referimos apenas aos “surdos”, mas sim de todos os indivíduos que fazem parte da mesma cultura, como exemplo, “membros familiares ouvintes, intérpretes, professores, amigos e outros”.

Já tratando de povo surdo, estamos elencando de forma geral, ou seja, todos os surdos do mundo, sem separarmos por grupos, por determinada comunidade que tem seus próprios valores adquiridos. Podemos concluir então que comunidades surdas são pequenas colônias, onde habitam um determinado povo, seja surdo ou não, mas que zelam por interesses iguais. Enquanto que “povo surdo”, são aqueles que vivem em qualquer lugar, e que não estão somente centrado sem um ambiente interessado aos seus costumes culturais. (STROBEL, 2008).

Os surdos conseguem constituir seus próprios caracteres mais facilmente, quando se deparam com “outros surdos”, facilitando assim a construção de “identidade”. É importante ressaltar que quando os povos surdos adquirem sua identidade, não significa que aboliram do mundo do povo ouvinte, o que significa é que uma vez unidos ou agrupados, sentirão mais liberdade e confiança em estarem conseguindo seu lugar por direito, com respeito e dignidade. (STROBEL, 2008 p. 33).

A Língua Brasileira de Sinais foi uma das maiores conquistas para a comunidade surda, através da união cultural desses povos é que conseguiram oficializar a LIBRAS que é a lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Com essa lei, puderam desafogar boa parte dos seus sentimentos e suas angústias, porém é preciso ressaltar que somente a lei não elimina todas as agonias da comunidade, pois o processo ainda caminha muito lento. (STROBEL, 2008, p. 34).

O “povo” surdo é alegre. Talvez porque tenha havido muito sofrimento em sua infância. Eles têm prazer em se comunicar e se alegram sempre. Em um pátio de recreação ou em restaurante, um grupo de surdos que falam é incrivelmente vivo. Falamos, falamos, exprimimo-nos às vezes durante horas. Como se tivéssemos uma sede inesgotável de dizer as coisas, das mais superficiais às mais sérias [...] (STROBEL 2008, Apud, LABORIT, p.34).

Para as crianças surdas que nascem em meio à comunidade ouvinte, sem ter contato com outro surdo, é um momento terrível, pois não conseguem entender nada que se passa ao seu redor, com isso inúmeras dúvidas são geradas em sua mente, e pior ainda é que não acham soluções para sanar suas incertezas sobre o que é real, principalmente porque a criança olha para todos que estão em sua volta e percebe que são pessoas ouvintes, com exceção apenas dela. Isso fará com que a mesma fique ainda mais reprimida. Portanto, o correto seria se ela tivesse interação desde pequena com a LIBRAS, e também com algum adulto surdo, desta forma, poderia iniciar um processo cultural envolvendo sua linguagem comum. Strobel (2008).

Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso as informações. (STROBEL, 2008 Apud. WALLIS, p. 40).

A priori ter uma cultura que o sujeito se identifique desde o momento em que nasce é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo, pois dessa maneira, cada um descobre sua identidade e se transforma em indivíduo plenamente íntegro ao meio social, e no caso da criança surda, se tiver um enlace com a língua de sinais desde seus primeiros gestos, fará com que ela tenha uma comunicação garantida no que diz respeito ao meio convivente, que a princípio lhe transportará ao campo social em busca de novos desafios e aprendizagens. (STROBEL, 2008).

Em virtude dessa ideologia, torna-se importante citar uma fala da autora:

Quando um bebê nasce surdo, ele desenvolve inicialmente as mesmas fases de linguagem que o bebê ouvinte: grito de satisfação chora de dor e fome, emite sons sem significados até mais ou menos seis meses de idade e quando chega à fase de balbúcio é que começa a ser diferenciado ou do outro. Porque o bebê ouvinte, podendo ouvir os sons do ambiente ao redor se si tenta se comunicar emitindo sons, enquanto que o bebê surdo, não ouve sons do ambiente e, por isto, as primeiras “palavras” não surgem [...]. (STROBEL, 2008, p. 45).

Com base em Strobel (2008), para que um indivíduo se constitua plenamente, ele precisará ir de encontro com sua cultura, isto é, começando pela aquisição lingüística. No caso o surdo, terá como estrutura, “a língua de sinais que é uma das principais marca de identidade de um povo surdo”, fazendo com que ele se inclua por toda parte com intuito de proporcionar-lhe o ato de adquirir conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44).

Cabe então frisar a seguir, um trecho que Strobel explica quão importante é a estrutura da língua no âmbito familiar:

Nas famílias surdas, os membros surdos têm comportamentos próprios deles, por exemplo, é habitual assistirem televisão no volume mudo pra não incomodar os vizinhos, todos usam a língua de sinais como língua prioritária do lar, lavam louças e fazem movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem [...], (STROBEL, 2008, p. 52).

Uma vez que não ouvem, e que só se comunicam entre a libras, não vêem necessidade de usar algo apenas como objeto de enfeite, principalmente por imaginar que estão sendo alvo de incômodo aos próximos, dessa forma, fazem suas tarefas domésticas tudo de modo naturalmente, sem importunar ninguém.

Dentre as variações culturais do povo surdo, existe também a literatura surda, ou seja, no processo de construção ideológica, moldam seus artefatos diversos como à “poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas”, tudo interligado à sua própria comunidade, pois narram vivências reais, relacionadas aos contextos onde se permeiam. (STROBEL, 2008, p. 56).

Seguindo a ideia da autora, ao dizer que o conjunto de conhecimentos adquiridos pela forma literária através das “gerações de surdos”, faz com que as “gerações mais jovens” se interessem pela sua história e dão continuidade aos que virão. Na literatura surda, contem as partes humorísticas, onde os surdos contam

suas anedotas para a comunidade, em geral, sejam surdos ou ouvintes, mas é óbvio que quem entende melhor são os próprios surdos devido à linguagem em uso, da mesma forma isso acontece com os surdos quando são os ouvintes que faziam seus gracejos. Strobel (2008).

O surgimento da cultura literária fez-se necessário devido os surdos necessitarem registrar seus estudos e conquistas que obtiveram anteriormente. E para que tudo fosse exposto, usavam para comunicação a “língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais e imagens visuais”.

Os surdos têm algumas peculiaridades que são um tanto quanto interessante, fazendo com que alguns costumes fiquem registrados para simplificar o diálogo entre si ou até mesmo com os ouvintes que fazem parte de sua historia, por isso criam alguns sinais de comunicação mais simples, como por exemplo, utilizam sinal para falar o nome de algum membro da comunidade.

Conforme (STROBEL, 2008, p. 64), as comunidades surdas têm a tradição de batizar os nomes de seus membros em língua de sinais, “que pode ser umas das características físicas da pessoa, ou a primeira letra de seu nome, ou de sua profissão”. Isso faz com que eles não precisem ficar o tempo todo soletrando o nome dos amigos, ou dos membros da cultura surda, até porque o alfabeto serve apenas de base para que conheçam e habituem com os sinais.

[...] os surdos eram “batizados” por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e que esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda [...] a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no “batismo” quando o surdo ingressa na comunidade [...]

Os surdos também praticam esportes como os ouvintes, precisando somente de algumas adaptações, inclusive chegam a ganhar prêmios. Também faz pinturas como obra de arte e atuam em cinema, teatro, enfim, isso tudo adquirido em seu meio cultural. Outra façanha importantíssima que o povo surdo desenvolve é a política, devido às várias associações e organizações na luta pelos seus direitos. Cabe também ressaltar aqui umas das maiores entidades que engajou nessa batalha é a FENEIS (Federação Nacional de Educação de Surdos), e que apesar de não ter fins lucrativos, apenas procura defender a “luta dos direitos da comunidade surda brasileira”. (STROBEL, 2008, p. 72).

Adentrando o Folclore surdo, percebe-se que eles usam como estratégias, suas próprias histórias para narrar o enredo folclórico, aproveitando a riqueza contida na essência de cada fato abordado. Dentre as diversas formas de poemas, os surdos simulam suas tramas, como exemplo:

A surdez como perda; a opressão pela sociedade ouvinte e a contra reação de pessoas surdas; a experiência sensorial das pessoas surdas; a celebração do sucesso surdo na comunidade surda; a celebração da surdez (ser surdo?) e das línguas de sinais. (QUADROS E VASCONCELLOS, 2006, p. 330).

Até agora, o que pode se notar é que o povo surdo precisou de muitas e incansáveis lutas para conseguirem ocupar seu espaço na sociedade, mas essa batalha ainda não terminou completamente, mesmo porque não estão inseridos totalmente na sociedade de maneira que todos consigam se comunicar através da língua de sinais, porém as situações vêm mudando gradativamente e tudo indica que muito em breve os povos surdos conseguirão interagir como todos os povos ouvintes. E ainda mais, os principais propósitos que almejam alcançar é que todos respeitem as “diferenças” e que não haja mais nenhum ato de “opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural”. (STROBEL, 2008, p. 93).

Strobel ainda diz que:

Outra orgulhosa conquista feita pelo povo surdo é a comemoração de seu dia, o “Dia do Surdo”. Esta data é comemorada em muitos países, na maioria no mês de setembro com variação de dias. Aqui no Brasil comemoramos o Dia do Surdo em 26 de setembro, porque nesta data foi um marco histórico importante - foi fundada a primeira escola de surdos no Brasil. Nesta data o povo surdo comemora com muito orgulho tendo sua cidadania reconhecida sem precisar se esconder embaixo de braços de sujeitos ouvintistas. (MOURA apud STROBEL, 2008, p.75).

É interessante frisar que existem algumas sugestões para que os ouvintes façam uma visita aos surdos, a fim de conhecerem mais intimamente a cultura e a comunidade surda, eis algumas delas:

- Visitar e frequentar as comunidades surdas: associações, igrejas, convenções, escolas de surdos, eventos esportivos, teatros e outros;
- Conviver com os sujeitos surdos em situações informais e formais;
- Pesquisar e estudar livros ou materiais informativos do povo surdo;
- Conhecer e ler sobre todos os artefatos culturais do povo surdo;

- Procurar respeitar e valorizar as diferenças culturais do povo surdo tendo uma aproximação intercultural isto é, uma troca, compartilhamento e aproximação harmoniosa entre as culturas. (STROBEL, 2008, P.111).

Para reflexão, é interessante mencionar um poema da autora surda Shirlei Vilhalva, que tem um papel decisivo na trajetória de luta com sua identidade cultural:

Nasceu o Surdo,
Será capaz de conhecer o mundo dos Surdos...
Porque terá a visualização em Língua de Sinais Brasileira.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,
Será capaz de adquirir a Língua de Sinais Brasileira...
E pertencerá à Comunidade Surda.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,
Será capaz de ter o direito dos Surdos...
E também a Identidade Surda.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,
Será capaz de lutar pelo movimento dos Surdos...
Porque tem o direito dos Surdos.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,
Será capaz de estudar na escola dos Surdos...
E terá professores Surdos.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,
Será capaz de fazer faculdade...
Porque terá os intérpretes de Língua de Sinais brasileira.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,
Será capaz de conseguir um emprego...
Porque terá a prática profissional.

Que orgulho!
Nasceu o Surdo,

Será capaz de casar com uma mulher surda...

E também poderá ter filhos.

Que orgulho!

A grande família dos Surdos,

Será capaz de ter a Língua de Sinais Brasileira,

a Identidade Surda,

a Comunidade Surda,

o direito dos Surdos,

o estudo,

o profissionalismo,

até o casamento...

Respeito à Cultura Surda

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Para Silva (2010, pag.16.), “a língua falada é conhecida por possuir uma característica oral e auditiva, enquanto que a língua sinalizada caracteriza em ser espaço-visual”. Portanto, quer dizer que a libras tem o ponto de partida na “frente do corpo”, e chamamos de conduto que emite a mensagem, já o olhar é o recebedor da mensagem.

Todo ser humano é capaz de aprender uma determinada língua, de acordo com Silva (2010), para que ocorra esse processo de aprendizagem faz-se necessário que haja uma adequação ou inserção na concordância social, e dessa forma tornar linguagem de uso natural.

O termo libras é um acrograma da (Língua Brasileira de Sinais), sendo registrada e documentada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, pois todas as línguas de sinais mundiais contêm sigla com mesma quantidade de letras, Silva (2010).

Outro questionamento em torno da língua de sinais, diz respeito à universalização das mesmas, ou seja, que fossem os mesmos sinais lingüísticos mundialmente, enfatiza Silva (2010). Entretanto, “as línguas de sinais se diferenciam, como qualquer língua, na sua organização semântica e discursiva

para atender a aspectos culturais e ideológicos das diferentes comunidades de surdos” Silva (2010, p.25).

Entretanto, nesse aspecto LIBRAS é uma língua tão importante como as demais línguas e necessária para a convivência, assim como o inglês para o americano, o português para o brasileiro e assim por diante.

Assim como os ouvintes usam a fala, a oralidade para se expressarem, “os surdos também usam os sinais que são transmitidos pela expressão gestual e facial e isso não desfaz a existência de uma língua natural e complexa como a língua de sinais. (GESSER, 2009, P.22).

Da mesma forma, como há muitas variações linguísticas em outras línguas, em LIBRAS não é diferente, ou seja, ela tem seu regionalismo presente nas comunidades, isto é, “ela pode passar pelas mudanças históricas e com o passar do tempo, um sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração surda que o utiliza”. (STROBEL, 2008, apud PADDEN e HUMPHRIES, p.46).

A Língua Portuguesa é heterogênea, ou seja, há diversas comunidades de falantes, cada um com seu sotaque regional, portanto na língua de sinais isso também se torna presente com os surdos de diferentes regiões:

Se não há língua portuguesa “ideal” nem falantes “puros”, porque teríamos língua de sinais “pura”? Tem-se discutido a língua de sinais como se fosse uma língua homogênea - “a língua dos surdos”. Entretanto, ela também tem suas variáveis, que fogem a uma descrição gramatical da língua. Essas variáveis se referem ao aspecto semântico diferenciado (por exemplo, os sinais de mãe e de pai no Rio Grande do Sul e em São Paulo são diferentes), além dos aspectos fonológicos e sintáticos. (SANTANA, 2007, p. 100).

Gesser (2009) também nos informa que o meio influencia o falante, seja ele ouvinte ou surdo, ligado aos fatores sociais, raça, escolaridade, situação geográfica, entre outros. “Para (Quadros, apud, Ana, 2007, p.98) a língua de sinais seria uma expressão de capacidade natural para a linguagem, de acordo com a perspectiva gerativa”, ou seja, quanto mais cedo o indivíduo tiver acesso à língua, menos dificuldade ele terá no domínio da mesma, por exemplo, a “criança deveria aprender o quanto antes, pois teria como primeira a língua de sinais e não a língua portuguesa como forma natural” (SANTANA, 2007, p.98).

Outro debate pertinente é a idade dos surdos aprenderem os sinais, pois quanto mais cedo for o contato com a língua, menos dificuldade terá no aprendizado.

A criança surda passa pelas mesmas etapas que uma criança ouvinte, ou seja, o estágio de balbúcio silábico (7-11 meses), balbúcio variado (10-12 meses), jargão (aproximadamente aos 12 meses), primeiras palavras (11-14 meses), estágio de duas palavras (16-22 meses). Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbúcio manual: o silábico- combinações que integram o sistema fonético da língua de sinais- e o gestual- que não apresenta organização interna. (PETITTO apud SANTANA, 2007, p.104).

Isto é, os bebês começam a pronunciar algumas palavras desde cedo, mas em certa idade eles param para só depois voltarem a falar com força maior, já compreendendo melhor a pronúncia.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.30), “as línguas de sinais são consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo”, ou seja, elas não são apenas gestos ou sinais soltos sem alguma importância, pelo contrario, contêm todo um parâmetro com cunho lingüístico.

Gesser (2009) corrobora ideologicamente no fato da libras ser uma língua natural, apenas o que diferencia da língua oral é a forma de comunicação, sendo através da visão e dos gestos. Segue ainda na percepção de que muitos acreditam que seja um amontoado de mímicas, fator esse, improcedente, já que mesmo se houver , é todas num padrão devidamente sistematizados, da mesma forma como há pantomímicas na língua portuguesa.

Muitos são os mitos relacionados à língua de sinais, há quem diga que é uma língua artificial, sem construções, outros dizem que são meros ícones, e mais além, dizendo que é apenas o alfabeto manual, dentre outros mitos, Gesser (2009). Contudo, o fato é que a Língua Brasileira de Sinais é composta de todo um aparato que lhe torna uma segunda língua brasileira, pois toda a sociedade vem sendo cada vez mais obrigada a aprender, para que haja realmente uma política inclusiva igualitária em um país tão miscigenado, que é o Brasil.

MARCOS HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Ao iniciar o discurso que aponta os surdos pela sua trajetória, é necessário relatar que esses povos vêm de um processo marcado de grandes sofrimentos e angústias, tanto é que eram marginalizados pela sociedade que os impugnavam e que os tratavam somente como seres desprezíveis, não sendo dignos de nenhuma proeza. Segundo (QUADROS, Apud CARDANO, 2006, p. 17), os surdos eram vistos como “seres incapazes de aprender” e, no entanto, comprovou-se que tal fato era totalmente inverossímil, pois o que se detectou é que são providos de inteligência e aptos ao aprendizado com raciocínio lógico, podendo ser inserido ao meio social.

Na França, de acordo com Quadros, (2006), só quem poderia estudar a língua de sinais eram os surdos de famílias nobres, pois dessa forma, eles tornariam herdeiros para administrar as fortunas dos pais e para isso fez-se necessário que alguém os alfabetizasse, surgindo então o monge nobre Beneditino Ponce de Leon para ensinar a língua aos alunos da época, enquanto que os surdos pobres, viviam em plena inferioridade. Entretanto, o progresso a esses povos deu-se devido à França na época estar atravessando um período de transição e com isso precisavam aliar-se as classes dominantes afim de total fortalecimento; assim a burguesia passa a ter domínio sobre os outros grupos, fazendo com que trabalhassem e produzissem à seu comando, gerando mãos-de-obra para as fábricas, Quadros (2006).

É nesse período que surge a primeira Escola Pública para os surdos, pois todos os trabalhadores precisavam se socializar ao meio que estavam inseridos, e almejavam um futuro melhor e digno na sociedade, na qual faziam parte e se comunicavam entre si, eles também contavam com o apoio de um ouvinte, o Abade L´Epee, que descobriu uma comunicação natural entre eles:

E assim inicia-se o processo de reconhecimento da língua de sinais [...] além disso, para o abade, os sons articulados não eram o essencial na educação de surdos, mas sim a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da língua de sinais, pois era a forma natural que possuíam para expressar suas idéias. (QUADROS, 2006, p. 23).

Assim, subentende-se que tais estudos eram extremamente de interesse aos povos surdos, que teriam uma forma de comunicação e liberdade para expor

suas idéias e não mais ficar isolado, tendo ainda uma interação com alguns ouvintes que conheciam a língua de sinais. Portanto, iniciam-se nesse período algumas oportunidades de desenvolvimento cultural relacionado aos surdos, inclusive com um grande movimento determinante para os mesmos, que foi o congresso de Milão.

No Brasil, a implantação da Língua de Sinais ocorreu em 1850, iniciando apenas com associação de surdos, para que no dia 26 de setembro fosse oficializado pelo Imperador Dom Pedro II, sete anos depois sendo transformada em Instituto Nacional dos Surdos. E somente no dia 24 de abril de 2002, teve sua validação decretada pelo presidente em exercício na época, Fernando Henrique Cardoso, na qual as escolas e instituições de ensino deveriam adequar-se a nova língua.

O CONGRESSO DE MILÃO

Trata-se de um encontro ocorrido no ano de 1880 no período de 06 a 11 de setembro, onde contou com a presença de cento e oitenta e dois membros de diversos países interessados no assunto, que direcionava a educação de surdos, principalmente como deveriam ser ensinados, se era por meio da linguagem oral ou gestual, com isso causando muita polêmica, Quadros (2006).

Um fato interessante, ocorrido no congresso, é que nesse evento os maiores interessados em discutir os conceitos da classe, no caso os surdos, não tiveram participação, por isso ficaram a mercê dos propósitos ouvintistas para tomar partido do que deveriam fazer, mesmo com muitas discussões geradas em torno do tema, pois alguns grupos lutavam para que a língua de sinais permanecesse, outros já opinavam pela língua oral. Por final, a segunda alternativa foi a que prevaleceu e assim, decretada pelo congresso como língua oralizada para educar os surdos, que predomina até os dias atuais em diversos países.

Após o lançamento desse decreto, os surdos passariam a ser oralizados devido interesses ligados “a questões política, filosófica e religiosa”, relata (QUADROS, 2006, p. 27), pelo fato da maioria ser ouvinte, os surdos automaticamente teriam que se adequar a mesma conduta de linguagem. Com

relação a esse argumento, os estudiosos da época denominavam o ser humano como “máquina”, e sendo assim, tudo deveria estar em perfeito funcionamento, entretanto, para eles, os surdos eram dotados de um fator que os extinguiu dessa concepção, sendo tratados como deficientes impedidos de serem trabalhadores e se tornando incapazes, que por sinal, julgavam a surdez como uma irregularidade e que precisava ser curada. Com isso, os surdos foram vistos como seres insociáveis, que não poderiam ser incluído na escola e no mercado de trabalho, passando a trafegar somente em ambulatórios medicinais com intuito de curar-se da surdez, Quadros (2006).

ORALISMO

Partindo do pressuposto da surdez ser encarada como uma doença curável, os médicos especialistas buscavam pela cura por meio de um método oralista, ou seja, conforme o indivíduo desenvolvesse a audição, poderia também dar início ao ato da oralização, com isso, solucionariam os problemas relacionados à surdez. Por conseguinte, através dos métodos utilizados pelos médicos, tomaram a liberdade de inserir os surdos na escola de forma estrategicamente usada como procedimentos de cura do sujeito, em forma de estágio terapêutico:

Os trabalhos pedagógicos coletivos são transformados em terapias individuais e, o que é mais grave, a partir dessa concepção entendeu-se que a surdez afetaria de modo direto, a competência lingüística dos alunos surdos, estabelecendo assim uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral. (QUADROS, 2006, p, 33).

De fato, essa técnica expõe o sujeito ainda mais, e isso faz com que aconteça um constrangimento com relação ao sujeito em análise, aliás, observou-se que devido a surdez, o aluno não teria uma linguagem oral qualitativa, e que tal desempenho seria ineficaz, mesmo com diversos impasses, os professores tiveram que adotar a prática pedagógica que trouxeram consigo a função de educá-los como seres ouvintes, isto é, na cultura ouvintistas, teriam que agir como ouvintes, para que desse modo, aproximassem ainda mais da comunidade majoritária.

Assim, Quadros (2006) aponta que o trabalho aderido para educar os surdos por meio da oralização não teve bons resultados, pois em sua pesquisa elaborada, aponta dificuldade na abordagem relacionada à prática de ensino-

aprendizagem e cita ainda que o aluno apenas transcreve as palavras, mas não se comunica com os professores e nem com os companheiros ouvintes da sala, até porque ele tem receio e vergonha de fazer alguma pergunta relacionada ao conteúdo, primeiro por não conseguir entender claramente o que a professora está expondo e também se sente deslocado devido a língua não ser dele, mas sim, dos colegas ouvintes, o que dificulta seu aprendizado. Então, no propósito de ensinar os surdos a se comunicar de qualquer maneira, pensaram em desenvolver outro método, assim surgiu o bilingüismo.

BILINGUISMO

Muito se discutia sobre a inserção do bilingüismo na escola regular como ensino para os alunos surdos, sendo ensinada primeira a língua portuguesa, em seguida, a língua de sinais como segundo idioma, porém, nesse processo não foi averiguado se os alunos surdos estariam aptos a essa mudança, aliás, se conseguiriam adaptar-se a esse outro modelo educacional, que, como o oralismo, visa fazer com que o aluno tenha contato intrínseco com duas línguas.

De acordo com Quadros (2006), o bilingüismo iniciou-se por volta dos anos noventa, com objetivo de fazer com que o surdo tivesse oportunidade garantida em sala de aula, relacionada ao seu caráter intelectual e de desenvolvimento pleno. Entretanto essa proposta educacional fez com que o aluno surdo se sujeitasse a novas maneiras de exclusão, pois o que era pra ser um aprendizado de qualidade tornou-se um fator agravante no que remete ao processo educativo, tanto que o educando não conseguia assimilar as duas formas de linguagem, gerando um desconforto para o mesmo. Isso ocorre devido à proposta sistêmica de ensino, que impõe ao aluno uma maneira que seja mais cabível a fim de facilitar o desenvolvimento pedagógico dos docentes, contudo, quem sai prejudicado é apenas o aluno que não consegue adaptar-se a metodologia aplicada.

Essa percepção fica mais aberta no depoimento de um aluno surdo, feito por Quadros (2006, p. 55), que afirma tal dificuldade: “para mim, o professor falava muito rápido, pá, pá, pá,... Eu copiava, copiava e sempre procurava o atendimento paralelo”. Nota-se nesse esclarecimento, que o aluno não consegue acompanhar a explicação dos conteúdos e se vê obrigado em pedir ajuda para outros colegas,

contudo, não entende porque está colocado num contexto que não lhe encaixa, ou melhor, teoricamente seria seu espaço de aprendizagem, no entanto, ao retratar a prática o que se encontra é outra realidade, totalmente diferente do modo como é citado.

Quadros (2006) enfatiza em seu discurso que, ao observar a inclusão do aluno surdo, o que constata na verdade, é uma prática de ensino-aprendizagem muito distante do estilo recomendado. Por isso, conclui-se a escola regular está muito afastada em ser um modelo inclusivo, onde as diferenças culturais falam por si só e, quiçá, que todos os alunos possam ter uma ampla comunicação, respeitando os espaços e as adversidades de cada um, sob um objetivo que é a vivência social, aceitando também a idéia de que cada um é diferente do outro.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE INCLUSÃO- O QUE É INCLUIR?

A desigualdade social está cada vez mais inerte no país, fazendo com que a maioria da população fique sem forças para tomarem medidas que possam mudar esse aspecto. Contudo, o que se percebe é que devido a esses fatores, os órgãos governamentais estão tentando mudar esse quadro, fazendo uma política onde visa proporcionar melhorias que visa favorecer ou tentar melhorar a vida dos portadores de necessidades especiais através da educação inclusiva. Assim todos esses indivíduos terão seu direito de igualdade, sendo incluídos na sociedade de modo geral, sem distinção de raça, cor, gênero, escolarização, etc. é nessa ideologia que a declaração de Salamanca se baseia:

7- princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA).

Nesse viés sobre a inclusão, as políticas públicas têm enfatizado a priori, os portadores de necessidades especiais para que possam ter direito a inclusão social, que consigam ter seu direito de liberdade, como exemplo, viver socialmente, em meio aos demais cidadãos, tendo ruas acessíveis onde possam transitar independente, e acima de tudo, possam estudar em escolas regulares, juntamente com outros alunos, considerados “normais”, perante a sociedade.

Aliás, a escola é o lugar mais importante para incluir um aluno com necessidades especiais, dessa forma, ele participará ativamente da cultura de outros alunos, proporcionando-lhe uma relação com grupos diferentes, sem que tenha somente o convívio com seus familiares. Pensando desse modo, (BOLONHINI, 2004, p. 25), aprova que “o aprendizado escolar para o portador de necessidade especial é a chave que abre a porta para a verdadeira integração social”. Isto é, no âmbito educacional, estará sujeito a descobrir um leque de conhecimentos que lhes serão de suma importância para se habilitar na sociedade que é constituída por diversas culturas e oportunizá-lo a descobrir também a sua identidade cultural, por

isso que a escola torna-se o ponto de partida na formação intelectual, social e profissional de todo e qualquer cidadão.

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), todo ser humano tem direito de escolher sua cultura, uma vez que estamos inseridos em um país democrático com liberdade de buscar sempre a forma melhor para se viver, principalmente porque no Brasil contém inúmeros grupos sociais devido à grande imigração que se encontra de povos habitando em todas as regiões brasileiras, trazendo consigo uma forte grandeza cultural de outros países.

Portanto, a unidade escolar é primordial em se tratando de convívio e interação social e cultural, onde se estuda como todo indivíduo deve ser respeitado em suas diferenças, haja vista que todos são dotados caracteristicamente por ser um sujeito diferente do outro, e que nenhuma pessoa é igual a ninguém. Por isso, a escola deve ser o local de propiciar um diálogo para ensinar a conviver, praticando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. Para realçar esse conceito relacionado ao ambiente escolar faz-se indispensável dizer que:

A escola, sobretudo a escola pública, costuma receber um público heterogêneo. Para muitas crianças, a escola é a primeira oportunidade de conviver com pessoas diferentes. Uns são brancos, outros negros, outros mestiços, há meninos e meninas, pessoas de renda familiar desigual, oriundas de famílias de diversas religiões e opiniões políticas, etc. todos os alunos estão na sala de aula usufruindo de mesmo direito à educação. É excelente oportunidade para que aprendam que todos são merecedores de serem tratados com dignidade, cada um na sua singularidade. (PCN, 2000, p. 119).

Como mencionado anteriormente, todo indivíduo tem direito de viver em sociedade e a escola é o alicerce para esses interesses, pois a instituição escolar se constitui por grupos que almejam uma intelectualidade plena, mas para que isso aconteça, precisará aprender a respeitar o espaço e as diferenças de cada um. O ser humano contém determinada singularidade onde ninguém é igual, porém, é sociável, podendo ser inserido em meios culturais que lhe é mais atrativo e conveniente.

Em se tratando de inclusão dos portadores de necessidades especiais, a escola é uma grande aliada aos mesmos, pois assim como foi dito anteriormente, a

unidade escolar é para todos, sem distinção de nenhum indivíduo, seja especial ou não, podendo modificar ideologicamente todo ser provido a um mérito.

Com base em Thoma e Klein (2009), para analisarmos a inclusão, especificamente os surdos na escola regular, é preciso ressaltar que tudo se produz de forma exigente, ou seja, intrinsecamente ligado a um princípio interativo, onde não haja a exclusão ou evasão. Para que isso aconteça, faz-se imprescindível que tenha uma parcela contributiva, envolvendo todos os membros interessados, como os educadores, por exemplo, terão a necessidade de registrar e documentar os projetos pedagógicos relacionados à política de inclusão, que é tão atual, inovadora e irrevogável teoricamente. Seguramente construído com a parceria de toda a comunidade escolar, uma vez não é tarefa simples de se concluir.

Thoma e Klein, (2009, p. 116-117), continua dizendo, portanto, que quando se refere a, “educação de surdos”, na escola inclusiva, torna-se ainda mais difícil, porque para alfabetizar os surdos, é necessário primeiramente que o estabelecimento de ensino implante a língua de sinais, em seguida insira um intérprete no grupo em questão, posteriormente, precisam capacitar os profissionais em geral, para que o surdo sinta-se verdadeiramente num recinto que o inclua podendo comunicar-se com todos na escola e não somente com um professor que lhe entenda, tornando legitimamente uma educação inclusiva.

Outra dificuldade enfrentada pelos surdos é o fato de na escola ser praticada a Língua Portuguesa como principal, sem deixar espaço para a língua de sinais, fazendo com que os surdos não consigam ter acompanhamento adequado, já que para eles, sua primeira língua é a LIBRAS.

Este contexto fica mais claro fundamentado nas idéias das autoras, quando ilustram que as Diretrizes Nacionais de Educação Especial não oferecem preferência a nenhuma língua:

Os documentos não priorizam nem uma nem outra língua aqui citadas, mas apresentam ambas com possibilidades de aprendizado, sem levar em conta as especialidades dos sujeitos ali envolvidos [...] o que subentende que o ensino deva ser ministrado nas duas línguas, oferecendo um espaço educacional que utilize, como meio de se comunicar com os alunos surdos, as duas línguas, sem fazer distinção dos tempos e espaços de seus usos [...] (THOMA E KLEIN, 2009, p. 118).

Portanto, fica evidente que as duas línguas são de extrema valia perante a escola inclusiva que deixa explícito a função de ambas para os alunos que são os maiores envolvidos e interessados nessa temática, na qual se caracteriza como virtude de formar indivíduos plenos socializados. Entretanto, o que se percebe nessa inclusão, é que a maioria dos professores intérpretes, são ouvintes, e isso faz com que mesmo de maneira involuntária, acabam por utilizar a Língua Portuguesa como predominante, deixando os alunos surdos isolados dos demais companheiros de sala.

Os alunos surdos são muito inteligentes e participativos em tudo o que lhe é oferecido em sala de aula, inclusive, são excelentes protagonistas quando se trata de fazer alguma apresentação teatral e/ou cultural, obviamente não são todos que tem habilidades, até pelo fato de encontrar professores que incentivem os mesmos à desenvolver o campo artístico é um tanto quanto raríssimo, pois há quem julgue os surdos como seres incapazes de tal desenvolvimento.

Contudo, a autora (MONROE, 2010, p. 73), traz uma bela entrevista na revista da Nova Escola, mostrando que ao inserir o aluno surdo em peças teatrais, fazendo com que tenham contato com outros alunos, proporcionará uma união interacionista, obtendo resultados bastante positivos e animadores, assim menciona que, “os surdos estão mais habituados a gesticular e perceber emoções nos outros”, isso tudo graças à sua língua em uso, que é dotada por sinais, gestos e articulações.

No entanto, diversos professores que não estão preparados para lidar com o “diferente” em uma sala de aula, quando se vêem frente a novos desafios ou em situação, onde terá que alfabetizar também um aluno surdo, com o mesmo conteúdo dos alunos ouvintes. Esses professores se desesperam em pensar na hipótese de não conseguirem desenvolver um bom trabalho pedagógico. E nesse espírito ideológico, acabam por discriminar o aluno, mesmo de forma inesperada, começam a ampliar ações na busca de tentar mudar a situação, ou seja, fazer com que esse educando aprenda a oralidade e a escrita dos conteúdos, apesar de muitos estudos irem a favor de tentar fazer o surdo se adaptar a um estudo bilíngüe, isso vai contra seus princípios, talvez de forma involuntária, o professor contribui para evasão do aluno, pois sem perceber acaba por destruir a cultura do estudante que é adquirida pelo contato com a Língua de Sinais.

Língua essa que, para os ouvintes torna-se mais viável em aprendê-la do que para o surdo dominar a língua dos ouvintes, uma vez que para falar ele precisará ouvir. Assim diz na revista da Educação Especial editada por (SAMPAIO, 2006, *apud*, VEIGA-NETO, p. 24) que não podemos esquecer que a própria organização do currículo e da didática na escola moderna, foi pensada e colocada em funcionamento para, entre várias outras coisas, fixar quem somos nós e quem são os outros.

Assim o professor, precisa ser flexível em relação à metodologia aplicada, pois as diversidades encontradas na classe variam de aluno para aluno, e sempre há aquele que consegue assimilar o conteúdo de maneira mais rápida, no entanto, tem o outro que provém de certo grau de dificuldade, e ainda outro que não assimila praticamente nada do texto proposto. Por isso o professor terá que encontrar meios de fazer com que cada um consiga aprender os conteúdos determinados, sem agredir a intelectualidade do educando. Assim sendo, explica (URBANEK E ROSS, 2010, p. 59):

[...] cada pessoa tem sua característica individual de focar a atenção e de reter informações, assim a grande arte do professor está em possibilitar, das mais diversas formas possíveis, a apresentação dos conteúdos, sem colocá-los apenas de forma unilateral e tradicional. As observações frente a todas as participações dos alunos é o instrumento mais eficaz de avaliação da aprendizagem [...].

Nessa visão teórica, os alunos que apresentam alguma dificuldade terão oportunidade de compreender melhor os conteúdos, sem ficar prejudicado perante aos outros coniventes de sala, ajustando certa melhora no convívio com toda a turma, porque desse formato ninguém irá discriminar o outro no que diz respeito à dificuldade de aprendizado.

INCLUIR X INTEGRAR

Muitas são as divergências quando o tema envolve inclusão e integração, pois há quem acredite que integrar é o mesmo fato de incluir. Porém, ao meditar-se tais comparações percebe-se uma inverdade, ou seja, é totalmente diferente uma coisa da outra. Quando se fala em integração, trata-se de colocar um aluno portador de necessidade especial, recebamos como exemplo, o surdo, quando ele não

consegue se comunicar com ninguém na escola, nem mesmo com o professor que lhe ensina, com isso ficará isolado no ambiente.

Já a inclusão propõe a esse mesmo aluno, o direito de ter uma educação mais qualitativa, como o auxílio de um intérprete em língua de sinais acompanhando-o nas disciplinas em sala de aula. Existe também, a obrigatoriedade que todos os membros da comunidade aprendam essa língua, para só então existir uma inclusão apropriada, para que os alunos surdos se interajam com os demais e não se sintam mais excluídos.

Segundo Urbanek e Ross (2010), a instituição de ensino contribui para o isolamento do aluno surdo, uma vez que não está capacitada para recebê-lo, devido a um modelo que acolhe apenas os alunos ouvintes, mas o fato é que a culpa na realidade não é da escola em si, mas sim, de um sistema mal organizado que não dá apoio devidamente, como deveria ser. Por isso é que a inclusão não se compara à integração, por ter vários distanciamentos que envolvem os anseios culturais desses sujeitos.

Aliás, encontram-se estudiosos que concebem a incompatibilidade relacionada à integração e inclusão na seguinte forma:

Inclusão é estar com outro, integração é estar junto ao outro (que não necessariamente significa compartilhar nem aceitar) [...] a integração escolar se resume ao deslocamento da educação especial para dentro da escola regular [...]. (URBANEK E ROSS, 2010, p. 62).

Assim podemos afirmar que tanto o aluno especial, quanto os outros alunos, são obrigados a aceitar em dividir o mesmo espaço escolar, já que ambos estão inseridos com intuito de desenvolvimento pleno e intelectual. E em torno dessa convivência é que na grande maioria das vezes, o aluno surdo sentindo-se deslocado, prefere evadir-se do local, a ter que passar por diversos constrangimentos.

Para Quadros (2006), o aluno ao ser integrado no ensino regular, lhe trará muitos problemas decorrentes das dificuldades metodológicas, pois nesse procedimento integracionista, o aluno surdo não tem acesso à sua língua cultural, ou seja, a libras, e até mesmo o aluno que não sabe a língua de sinais, ficará perdido na sala, pois certamente a metodologia aplicada será para os alunos ouvintes,

enquanto que o surdo estará sem oportunidades de comunicação por não saber o português que é a língua majoritária da unidade escolar.

Com isso é gerada uma série de reclamações do aluno surdo relacionado ao professor, ele começa a dizer que a disciplina é ruim, ou que a professora não explica direito, ou ilustra muito rápido, fazendo com que não conseguem acompanhar o conteúdo, dentre tantas outras angústias. Por isso prefere ficar em casa, no relacionamento apenas com os familiares, a ter que se submeter a preconceitos.

De acordo com (QUADROS, *apud* GÓES, 2006, p. 56), “incluir não é alocar o surdo na escola regular”, mas sim, promover estilos que ele se sinta num ambiente acolhedor, preparado para recebê-lo e assim, sanar todas suas dúvidas, fazendo com que possa mostrar sua própria identificação cultural, como todo e qualquer aluno inserido na rede regular de ensino, ajudando-o a construir seu próprio futuro e seu espaço na sociedade.

LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE INCLUSÃO

A Língua Brasileira de Sinais foi uma grande conquista para a comunidade surda, pois ter uma língua materna oficializada é um marco histórico, até mesmo pelo fato de ser uma classe social que ainda busca seu espaço na sociedade, na qual está cada dia mais inserido socialmente mediante ajuda de muitos estudiosos lingüistas que não medem esforços para demonstrarem o quão importante é a libras. Silva (2010).

Conforme a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, entra em vigor a Língua Brasileira de Sinais, também conhecida como LIBRAS. E que diz os seguintes termos:

Art. 1º é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais e outros recursos de expressão a ela associados. (...)

Art.3º A libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Essa lei permite que os surdos tenham direitos garantidos constitucionalmente pela sua própria língua contida com toda uma estrutura lingüística que as outras línguas possuem. Isso os torna cada vez mais respeitados na sociedade como cidadãos comuns, com direitos e deveres a serem cumpridos, inclusive relacionados aos estudos fundamentais, mesmo porque os cursos que preparam profissionais para atuarem no magistério serão forçados a ter contato com a libras, devido a grade curricular impor essa nova língua.

Como resposta positiva à lei 10.436, implantou-se sucessivamente o decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005 para que a libras fosse realmente destacada como segunda língua brasileira. Esse decreto foi regulamentado pelo presidente vigente na ocasião, Luís Inácio Lula da Silva, tornando-a mais presente nas instituições sociais, de modo que no capítulo II, artigo 3º esclarece sua obrigação:

§ 1º todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

Portanto, cabe às instituições de ensino ofertar o contato com a língua de sinais para que todos os profissionais sintam-se aptos a comunicação com os surdos, e assim, permeados ao real modelo inclusivo.

Dessa forma, todos os sistemas educacionais terão um prazo pra encaixar a língua de sinais nas unidades, desde as séries iniciais até o ensino superior, esse prazo foi estipulado em até dez anos a partir da data vigente.

No capítulo VI do decreto 5626, referente ao direito a educação das pessoas surdas, compete aos órgãos responsáveis que se adéqüem estruturalmente para incluir todos os alunos surdos, com auxílio de professores qualificados em atender na educação inclusiva, e ainda, providenciar professores intérpretes em língua de sinais, conforme cita no art. 23:

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras- Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, a informação e à educação.

O sistema em geral, deve cumprir com as normas legais, na qual visa o total desenvolvimento intelectual do aluno surdo, que propiciará maior liberdade com a presença do tradutor para ajudá-lo nas atividades em sala de aula e também proporcioná-lo maior maturidade para convívio direto com os outros alunos e os demais membros escolares.

Entretanto, embasada na legislação, houve mudança na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que preconiza o atendimento de portadores de necessidades especiais a fim de incluir todo indivíduo na rede regular de ensino. Desse modo, o art. 59 constitui que:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educando com necessidades especiais:

IV- educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação como os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentarem uma habilidade superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora. (BRASIL, 1996).

Essa ação permite que os alunos especiais consigam adquirir plenos poderes para promover e despertar seus talentos naturais de formato igualitário aos demais alunos que visam sempre por um lugar de melhor prestígio profissional e intelectual na sociedade.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa é de caráter descritivo e qualitativo, feito através de estudo de caso, tendo como estratégia, entrevista com dois alunos surdos, estudantes em duas escolas públicas do município de Juína.

As entrevistas serão feitas por meio de questionário, que visa conhecer e entender todo o processo de inserção desses alunos e quais as dificuldades enfrentadas pelos mesmos em sala de aula, no sistema regular de ensino.

A metodologia será através de pesquisa bibliográfica – buscando referência teórica, acompanhada de estudo de caso, onde se buscou avaliar de perto as dificuldades dos alunos, possibilitando obtenção de informações sobre a avaliação como um processo informativo e claro, em relação aos problemas enfrentados pelos surdos;

A investigação quanto aos objetivos se caracteriza como descritiva, uma vez que os dados coletados e analisados nos permitirão descrever, analisar e comentar os pontos expostos por diversos autores renomados e com ideologia semelhante ao tema.

Segundo Silva (2001), a abordagem qualitativa o foco principal é o sujeito e suas formas de encarar determinado assunto, com formas reais em perceber o universo. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa descritiva com intuito de discursar sobre o fato real.

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. (SILVA, 2001, p.20).

Portanto, a abordagem qualitativa permite que o indivíduo tenha liberdade de interpretar e mostrar todos seus interesses imersos ao assunto discutido, falam o que pensam com relação ao tema. Diferente da abordagem quantitativa, que engloba dados em formas de estatísticas, por meio de gráficos quânticos. Assim, o

pesquisador tem oportunidades em embasar-se em diversos autores que pensam de forma parecida ou igual.

Silva (2001), ainda conclui que a abordagem qualitativa tem muita utilização na pesquisa descritiva, que busca sempre analisar o sujeito pelo seu espaço natural que vai de encontro com os dados a serem coletados, e através das informações permite ao pesquisador ter uma indução no processo. Dessa forma, pode-se dizer que faz uso do método indutivo de análise. Partindo para esse contexto, a pesquisa descritiva:

Visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. (SILVA, 2001, p.21).

Após ter feito todo um levantamento de dados, inicia-se a próxima etapa que são os questionários elaborados que serão aplicados aos alunos surdos inseridos na escola, esses questionários são compostos de cinco perguntas preparadas para cada um responder, porém somente um desses alunos contará com a ajuda de uma intérprete que o auxiliará através da língua de sinais, enquanto que o outro aluno, denominado A, receberá o questionário escrito para respondê-lo.

Os entrevistados na pesquisa foram intitulados como aluno A e B, devido não ter importância de citar o nome, pois dessa forma ficariam mais a vontade e tranquilos para responder as questões. Portanto a pesquisa de campo transcorreu da seguinte maneira:

Dia 21-10-2011 entrevista com o aluno B e sua professora intérprete.

Dia 22-10-2011 aplicação do questionário para o aluno A.

O aluno A teve algumas dificuldades em responder as questões, devido ao fato de não ter auxílio de um professor que lhe traduzisse para a sua língua, porém por intervenção do pesquisador, as dúvidas foram sanadas.

TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Embasado na fundamentação teórica, com intuito de compreender um pouco mais sobre o cotidiano dos alunos surdos e qual o importante papel que a Língua Brasileira de Sinais tem em relação a esses povos, principalmente quanto ao aluno surdo inserido na rede regular de ensino, estudo esse que certamente trará uma maior clareza no assunto com intuito de associar a teoria à prática.

Através dessa pesquisa, foram entrevistados dois alunos surdos, em duas instituições de ensino regular, que serão intitulados aqui por aluno A e instituição A, aluno B e instituição B. O aluno A encontra-se inserido em uma sala de aula que divide o espaço educacional com vinte e oito alunos, sendo estes ouvintes que não sabem nada da língua de sinais. Os professores também são ouvintes e não conhecem a língua de sinais. Porém o aluno surdo tem duas horas/aulas de libras na sala de recurso, com uma professora não proficiente na língua de sinais, mas que ajuda bastante no contato com sua língua.

Já o aluno B, está imerso em uma instituição designada também B, em uma sala de aula com mais ou menos vinte e cinco alunos ouvintes, uma professora ouvinte não conhecedora da libras e outra professora intérprete, proficiente em língua de sinais para auxiliá-lo nos conteúdos e nas comunicações com os demais integrantes da unidade escolar. Há, portanto, um aluno que consegue se comunicar com este aluno surdo pela libras.

O aluno A foi o primeiro a ser entrevistado. Foram indagadas as seguintes perguntas:

Pesquisador- Como é a sua relação com os alunos ouvinte em sala de aula? Como vocês se comunicam?

Aluno A- *quase não conversar com ninguém, eles não saber sinais de libras.*

Pesquisador- os professores passam o conteúdo pra você de que jeito? Você acha que eles estão preparados para te ensinar nas aulas?

Aluno A- *eu ver ele conversando bastante com os alunos ouvintes, mas comigo, ele conversar bem pouquinho e escreve no quadro o que falar comigo ai eu respondo no caderno, porque ele não sabe os sinais que faço.*

Pesquisador- você se comunica com alunos ou professores na escola?

Aluno A- *tem alguns alunos na escola que entender alguns sinais de libras, e também a professora que me ensinar um pouco os sinais, mas é bem pouco o que aprendo.*

Pesquisador- *você gosta de estudar nessa escola, ou gostaria que fosse de outro jeito?*

Aluno A- *eu gostar sim, mas queria ter mais amigos pra conversar, querer também os professores falar libras pra explicar o conteúdo.*

Pesquisador- *você acha que a língua de sinais pra todos aprender na escola ficaria melhor a sua comunicação?*

Aluno A- *sim, porque eu conversaria com todos na escola, com os professores, os colegas e os outros funcionários também.*

Após ter levantado esses dados aqui expostos, fica claro que esse aluno é portador de uma grande dificuldade no que diz respeito à escola regular, pois foi inserido num ambiente desprovido de preparos para recebê-lo dignamente e nem provido de suporte que o incluía no espaço escolar. Além disso, nem pode considerar que ele se encontra incluído, mas sim, apenas integrado, uma vez que esse discente não consegue se comunicar integralmente com os membros da instituição, portanto, essa atitude faz com que fique isolado, sem perspectiva de avanço.

Outro fato interessante é que no questionário respondido por esse aluno, ele escreveu as respostas contendo algumas marcas da transcrição em língua de sinais, ou seja, dá a entender que o mesmo sente uma enorme carência em não poder ter um acesso direto com sua língua natural na sala de aula, com isso faz com que haja uma mistura com as duas línguas, deixando-o ainda mais descontente.

Dando prosseguimento à pesquisa, dessa vez com o aluno B, que estuda em uma apurada unidade educacional, lembrando que nessa entrevista houve a participação da professora intérprete, onde as perguntas eram direcionadas ao aluno surdo e ela sinalizava para o mesmo, depois de feita a pergunta o aluno respondia as questões em direção ao pesquisador e a intérprete fazia a tradução, portanto, a entrevista transcorreu da seguinte maneira:

Pesquisador- como você considera que a Língua de Sinais pode facilitar sua aprendizagem em sala de aula, mesmo estando junto com os alunos ouvintes no ensino regular?

Aluno B- no início era muito difícil, porque eu não conversava com ninguém, e ainda não tinha a professora para me ajudar, mas hoje está bem melhor eu participo das aulas e até converso com os colegas da sala, isso tudo devo graças a libras e a professora intérprete. A língua de sinais transformou muito a minha vida!

Pesquisador- quais são as dificuldades que você encontra na escola regular?

Aluno B- acho difícil alguns conteúdos que a professora passa no quadro, e também tenho poucos amigos, pois nem todos conhecem a minha língua.

Pesquisador- qual tem sido a reação dos alunos ouvintes em relação a sua presença em sala?

Aluno B- no começo eles ficavam me olhando, mas agora está tudo bem, eles já se acostumaram comigo e até tentam conversar comigo e às vezes me perguntam sobre algum sinal, em libras.

Pesquisador- como você se sente neste ambiente onde foi implantado esse novo sistema educacional que visa uma educação inclusiva?

Aluno B- sinto-me muito feliz, porque agora posso estudar e aprender tudo o que quero e ainda penso em fazer uma faculdade. Agora eu consigo falar com as outras pessoas e me comunico muito.

Pesquisador- você acha que a escola está adequada ou preparada para te receber?

Aluno B- sim, pois foi por minha causa que conseguiram encontrar uma professora para me ajudar na comunicação na escola, e isso me deu mais confiança e mais vontade de estudar.

Pesquisador- você sabe se a escola tem algum projeto ou curso que envolve a língua de sinais para todos os membros da instituição?

Aluno B- sim, aqui na minha sala temos meia hora pra estudar só libras e eu sou convidado pra ensinar aos colegas ouvintes vários sinais. A minha professora

intérprete também ajuda bastante todos os alunos, aliás, ela me falou que a escola vai dar um curso pra todos que estudam aqui.

Portanto, com o que foi investigado até aqui, nota-se que o aluno B está inserido num sistema inclusivo de ensino, de modo que isso lhe trará um enorme benefício para seu desenvolvimento estudantil, pois a escola lhe dá todo um suporte que é seu por direito. O aluno B, através de suas respostas mostrou que tem uma desenvoltura maior com relação ao aluno A, e isso é percebível porque ele tem a língua de sinais como meio de se comunicar e não o português com língua majoritária, dessa forma lhe proporciona total habilidade para se comunicar com todos os integrantes, contudo ainda tem apoio da professora intérprete, se caso haja dificuldade em comunicar-se com os demais.

Enquanto o princípio inclusivo permite que o aluno tenha um bom andamento no curso, o sistema integracional torna a aprendizagem do aluno totalmente defasada e difícil, de tal forma que, imagina se o aluno surdo chega atrasado à escola, tem uma avaliação a ser feita, o portão já está fechado e o vigia não consegue se comunicar com ele porque não sabe a língua de sinais, que ocasionaria um total constrangimento para este aluno, e principalmente a perda da aula, ou então o guarda deixaria entrar pelo fato de ficar com compaixão por ele ser surdo, e isso o surdo não precisa que sintam por ele, pois é um ser humano como qualquer outro.

Inquestionavelmente, o aluno integrado tem um grande prejuízo em relação a sua aprendizagem e obviamente que o mesmo não terá um bom desempenho em sua vida colegial, mesmo porque para que isso ocorra, é preciso que se tenha um convívio social, e isso só se torna possível a partir do momento em que ele for colocado em um local onde se sinta realmente capaz de comunicar com os outros alunos inseridos na rede regular de ensino, seja aluno ouvinte ou surdo. Portanto, para que esse processo ocorra, é importante que haja um excelente andamento relacionado à política de inclusão, e não é o que ocorre, ou seja, este aluno integrado não encontra professor habilitado para ampará-lo, devido à instituição não oferecer formação adequada, relacionada ao contexto vivido, existem diversas leis que não são cumpridas quando de fato deveriam ser, e que apesar de haver um bom número de conhecedores no assunto, o quadro de profissionais ainda é muito baixo, pois a demanda é um tanto quanto alta.

Ao contrário a este sistema educacional, ou melhor, a integração, está à educação inclusiva, que busca uma nova realidade aos portadores de necessidades especiais, pois vai de encontro com interesses afins, tornando possível uma educação de qualidade a todos, conforme previsto em diversas leis e regimentos. É através da verdadeira inclusão que o aluno consegue interagir com outros alunos, facilitando muito seu processo de ensino aprendizagem, que amparam determinado aluno com professores especialistas totalmente habilitados para promover um maior conforto ao mesmo, tanto que, com aparatos essenciais esse indivíduo terá um melhor desempenho, vendo que participa ativamente do campo social e não deixa nada a desejar a ninguém, pois almeja um espaço que é se destacar na sociedade como qualquer ser humano, prezando sempre pelo seu bem-estar, com valores éticos e morais

CONCLUSÃO

Após ter sido realizado um estudo minucioso sobre os povos surdos, com relação aos seus costumes, sua cultura e seu processo de inserção social e posteriormente à rede regular de ensino, tornou-se imprescindível falar sobre a linguagem própria dos surdos, que é a Língua de sinais, fala essa, que está cada vez mais sendo colocado em evidência nas escolas e em outras repartições, devido ao grande número de pessoas com surdez necessitarem da mesma para se comunicar. Visto que, a libras realmente faz toda a diferença para a comunicação do aluno surdo com os membros escolar e principalmente pelo reconhecimento ao conteúdo proposto pela professora.

Com esse projeto observou-se claramente, que mesmo com todo aparato existente para incluir os portadores de necessidades especiais, com políticas voltadas ao contexto e com diversas leis para que todos tenham liberdade de expressão, o que se encontra são alguns ambientes que não estão aptos em atender determinados alunos.

Através da fundamentação teórica, detectou-se o quão importante seria um estudo de caso, para que pudesse entender de um jeito intrínseco, quais eram as maiores dificuldades que os alunos surdos encontram na escola, e se esse local contém uma estrutura adequada para recebê-lo. No entanto averiguou-se que o sistema educacional vigente, está caminhando com passos muito lentos e com isso os alunos “especiais” continuam enfrentando discriminação, por não estarem dignamente incluídos na sociedade.

Mesmo com toda dificuldade que encontram, são dispostos e acreditam que tudo será melhor, pois a população está num momento de transição, que visa mais humanismo e diversidade, num país onde busca sempre a união dos povos, inclusive nas trocas sociais. Entretanto, para que tudo transcorra bem, nós enquanto cidadãos e formadores de opiniões que somos, precisamos dar nossa parcela de contribuição e tentar sempre defender os projetos sociais, para que as escolas se adéqüem de maneira geral, visando sempre o desenvolvimento pleno de cada indivíduo, seja ele portador de necessidades especiais ou não, o importante é haver contribuição ligada ao seu percurso intelectual.

REFERÊNCIAS

_____ **Inclusão: Revista da Educação Especial/** Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial- Brasília, 2005.

_____ **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais: ética. 2. Ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2000.

_____ **Revista Nova Escola,** nº 238, ex. 1, Dezembro 2010.

BOLONHINI, J.R. **Portadores de Necessidades Especiais:** as principais prerrogativas e a legislação brasileira, São Paulo, Arx, 2004.

BRASIL, [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 5ª Ed. Brasília- DF. Disponível no site bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamar/2762/ldb_5ed.pdf. Acesso em 15 de Nov 2011.

Declaração de Salamanca, Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Disponível em: <[HTTP://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf)>. Acesso em 01 nov de 2011.

DECRETO 5626. De 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, LIBRAS. Disponível no site www.planalto.gov.br/ccivil_03_ato2004.../Decreto/D5626.htm. Acesso em 15 de nov 2011.

FERREIRA, A.B.H. Miniaurélio Século XXI: **O minidicionário da língua portuguesa,** 5ª Ed. rev. Ampliada- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GESSER, Audrei. **Libras?Que Língua é essa?**São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LARAIA, R.B. **Cultura: Um Conceito Antropológico-** 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed, 2006.

LEI n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e dá outras providências. Disponível em: <<http://WWW.fiemg.com.br/ead/pne/eis/10436.pdf>>. Acesso em 01 de nov 2011.

LEITE, E.M.C. **Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva-** Cultura e Diversidade: editora Arara Azul, Petrópolis- RJ, 2005. Disponível em <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livros2.pdf>>. Acesso em: 18 set 2011.

QUADROS, R.M. de, **Língua de sinais brasileira:** estudos lingüísticos- Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R.M. **Estudos Surdos I.** Petrópolis, Editora Arara Azul, 2006.

QUADROS, RoniceMiller. VASCONCELLOS, M.L.B. **Questões Teóricas das Pesquisas em Língua de Sinais**, Ed. Arara Azul, Petrópolis- RJ, 2008. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro.pdf>>. Acesso em: 18 set 2011.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem.** São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da, **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação** 3ª edição. Florianópolis-SC. Disponível em projetos.inf.ufsc.br/arquivos/metodologi%20pesquisa%203ª%20edição.pdf. Acesso em 16 de Nov 2011.

SILVA, L da. **Língua Brasileira de Sinais-libras.** Curitiba, Editora Fael, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda-** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEI, Karin **Cronograma história de surdos.** disponível em: <<http://www.feneis.org.br/pag/revistaconteudo.asp>>. Acessado dia 13 set 2011,

THOMA, A.S. KLEIN, M. **A diferença Surda na Escola**, 1ª Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

URBANEK, D. ROSS,P. **Educação Inclusiva**, Curitiba, Editora Fael, 2010.

ANEXOS

Questionário para o aluno integrado

Qual é a relação entre você e os alunos ouvintes em sala de aula? Há algum tipo de comunicação entre vocês? Como se comunicam?

Os professores conseguem transmitir o conteúdo proposto? De que forma ele se comunica com você? Você acredita que seus professores estão preparados para te receber em sala?

Como você se sente em relação a este novo modelo de escola Inclusiva? Você acredita que a instituição está pronta para receber alunos surdos ou ainda encontra dificuldades para incluir o aluno surdo com os demais?

Você sabe se comunicar através da Língua de Sinais? Você conversa com algum professor através da Libras?

Qual é a importância da Libras em sua vida?

Perguntas para o aluno Incluso

Como você acredita que a Língua de Sinais pode facilitar a sua aprendizagem em sala de aula, mesmo junto com os alunos ouvintes no ensino regular?

Quais são as dificuldades que você encontra na escola regular?

Qual tem sido a reação dos alunos ouvintes em relação a sua presença em sala? Eles tentam se comunicar com você?

Como você se sente neste ambiente onde foi implantado esse novo sistema educacional que busca uma educação inclusiva?

E a escola se encontra preparada para receber os surdos? Consegue atender as suas necessidades e objetivos?